

## **EDITORIAL**

**M<sup>a</sup> Dolores Vargas Llovera**

UNIVERSIDAD DE ALICANTE

MD.Vargas@ua.es

**Alcinda Cabral**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA – PORTO

acabral@ufp.edu.pt

Um debruçar sobre o mundo que nos rodeia nos desvela múltiplas e ilimitadas cosmovisões, com as quais temos a possibilidade de conviver e inclusivamente partilhar. Elas constituem a expressão da riqueza da diversidade.

O conceito de cultura é o ponto de partida para a compreensão da diversidade, não obstante o facto de este conceito se converter amiúde na panaceia explicativa de situações e de factos decorrentes de fenómenos sociais que não são compreendidos pelos indivíduos, porque possivelmente não têm explicação.

A partir de finais do século XIX, surgiram concepções e definições relativas ao conceito de cultura, a partir da antropologia. Existe uma multitude de definições, todavia recorre-se sempre à proposta de E.B. Tylor (1871), que definia a cultura como um complexo que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, a lei, os costumes e qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo homem como membro de uma sociedade. Posteriormente, Marvin Harris (1927-2001) interpretou a cultura como o conjunto de modos de pensar, de sentir e de actuar do corpo de tradições e de estilos de vida socialmente adquiridos, enquanto a contribuição de Clifford Geertz (1926-2006) focaliza a cultura num sistema ordenado de significados e de símbolos que são utilizados pelos indivíduos para definirem o seu mundo, para expressarem os seus sentimentos e para emitirem os seus juízos.

A cultura é a criadora das bases através das quais se constrói a existência social ao longo do tempos. É a cultura que estrutura e organiza os indivíduos como seres sociais e constrói as suas identidades, limitando os sistemas sociais e os distintos modos de vida como geradores da diversidade humana nos seus diferentes contextos. Não é possível imaginar uma cultura que não esteja configurada por uma diversidade de formas culturais, ou seja, a cultura deve partir de uma comunicação intracultural e intercultural. Não é viável imaginá-la sem uma relação de intercâmbio dentro da visão holística particular do conjunto formado pela cultura e pela socie-

dade, porque a própria identidade cultural e social nasce da consciencialização da diferença: o intercultural é constitutivo do cultural (Todorov, 1988)<sup>1</sup>.

As ciências sociais, a partir dos seus fundamentos teóricos específicos, estão gerando uma grande diversidade de linhas de investigação, propostas e reflexões que nos encaminham para um maior conhecimento das nossas culturas e sociedades. O principal propósito desta publicação é, com efeito, fornecer espaço e oportunidade para, a partir de diferentes ópticas, apresentar análises e experiências de estudos que reflectem as realidades sociais que vão surgindo nos nossos espaços de convivência, a partir de uma visão real e científica.

Sem intercâmbios e sem a vontade humana, podemos considerar que é muito difícil a existência da diversidade cultural. O reconhecimento das diferentes culturas é o que dá conteúdo às actuais sociedades poliétnicas e a diversidade cultural apresenta-se como o grande instrumento que protege e promove um contexto social adequado às relações sociais, integrado num sistema complexo que seja o garante de uma coexistência pacífica entre as diferenças de toda a gama de culturas.

Estamos perante uma edição que, a partir da diversidade, pretende oferecer uma reflexão sobre as múltiplas situações sociais que oferecem os diferentes trabalhos dos autores que expõem, a partir das mais variadas linhas de investigação e de uma pluralidade de enfoques, uma panóplia de processos que configuram os fenómenos sociais e culturais.

A contribuição de Salvador Rodríguez Becerra leva-nos a reflectir, a partir da Antropologia Social e Cultural, sobre a problemática da diversidade cultural no actual mosaico de etnias e de culturas, onde factos tão fundamentais como o etnocentrismo e a identidade dos grupos humanos levam à necessidade de relativizar as respostas culturais, ao menos como via de conhecimento para poder abordar um facto real e permanente destes tempos de grandes migrações que adquirem dimensões globais.

A emergência e as proporções da diversidade cultural levaram Lévi-Strauss a dizer que, atrás de nós, à nossa volta, e à nossa frente, devemos orientar-nos, não para a confrontação entre culturas, mas no sentido de uma coexistência fecunda e de uma harmonia intercultural. Neste aspecto, a aportação de Juan José Santander convidanos a uma reflexão sobre o significado da palavra “confrontação”, desenvolvendo um artigo que nos leva a reflectir sobre a construção da aceção desse termo.

Os limites ou orlas fronteiriças foram e são geradores de conflitos bélicos, culturais e sociais. Eles são os diferenciadores e, em muitos casos, descontinuadores das so-

.....  
<sup>1</sup> TODOROV, T. 1988. *Cruce de culturas y mestizaje cultural*. Madrid: Júcar Universidad

ciudades. Representam, pela força da coerção ou do entendimento ou da aceitação, barreiras e obstáculos nas vidas das pessoas. As fronteiras são o ponto de partida que nos oferece Alain Basail Rodríguez, discutindo a dramática vigência das fronteiras, analisando as suas imputações de sentido a partir do risco e da insegurança e apostando na contribuição para dissipar as contradições do regime socio-discursivo que define as fronteiras como zonas cinzentas de corrupção, maldade e medo, e, ao mesmo tempo, advertindo para a questão da identidade fronteiriça como centro da nova produção material e simbólica de territórios caracterizados por crescentes assimetrias, dependências recíprocas e passagens contínuas, focando a atenção na fronteira Sul do México e Norte da América Central.

Seguindo a problemática da segurança e das relações internacionais, o artigo de Cláudia Toriz Ramos explora a evolução da questão política e a participação dos indivíduos na Europa, em relação ao que a autora chama “os temas dominantes da agenda política internacional”, aportando na sua análise reflexões sobre como as democracias podem actuar frente ao terror, sem renunciar à paz e à liberdade, no contexto actual das ameaças mundiais.

No processo de mundialização em que vivemos, cada sociedade necessita de novos planos de entendimento transnacionais com os diversos sectores da população, a fim de conformar o novo perfil que se lhe exige. O processo de formação e constituição de um novo mosaico social gera competitividade, diferencia limites e marca distâncias entre grupos externos e grupos pertencentes à própria sociedade. Nesta linha, Victor Pereira da Rosa e Jean Lapointe levam-nos a reflectir, numa perspectiva antropológica, sobre aspectos da cultura contemporânea, considerando as novas mudanças como um processo dinâmico de continuidade das culturas.

O conceito de cidadania ocupa o centro da reflexão teórica e do debate público, sobretudo desde os últimos anos do século passado. A sociedade democrática é por excelência uma sociedade fundada no conflito e, portanto, a política do futuro imediato deve orientar-se no sentido da elaboração de estratégias para encontrar novas modalidades de interacção entre maiorias e minorias, que permitam preservar o direito às diferenças políticas e culturais dos respectivos grupos, mantendo um espaço harmónico de convivência. Neste sentido, o conceito de cidadania é tanto descritivo para denotar a quem a possui, como é normativo para marcar os deveres e obrigações, não só políticos, mas também sociais e culturais. As duas contribuições seguintes nesta publicação situam-se neste contexto conceptual. Por um lado, Alcinda Cabral e Márcia Ferreira analisam como os imigrantes brasileiros constroem a sua cidadania em território português, através das suas associações de imigrantes. Por outro lado, Paulo Vila Maior interroga sobre se se considera uma retórica a cidadania na União Europeia. A sua análise foca o conceito de cidadania transnacional, chamando a atenção para o facto de existirem lacunas neste conceito na UE, e apresenta uma análise que parte em primeiro lugar do impacto produzido pelas lealdades

políticas dos cidadãos, e em segundo lugar, relaciona a cidadania europeia com a dialéctica entre impostos e representações, tratando de averiguar se a cidadania é eficaz para os cidadãos que pagam os impostos na União Europeia.

As Ciências Sociais, a partir das suas propostas teóricas específicas, têm manifestado um interesse evidente em oferecer explicações convincentes do fenómeno migratório, tendo presente que não se trata de um facto estático ou reduzido a um determinado momento, mas que mantém um dinamismo crescente e se inscreve num âmbito transnacional. A decisão de emigrar implica uma grande tensão existencial. O emigrante que atravessa as fronteiras do seu país sente-se inevitavelmente dividido no seu interior entre o temor de afrontar riscos desconhecidos e a esperança de encontrar noutra país a possível solução para o estado de privações e de carências a que está submetido. Além disso, experimenta o desafio que se lhe coloca ao atravessar também as fronteiras culturais com que se depara no novo país e ao sentir-se imerso num mundo regido por valores e por modos de comportamento diferentes. O choque cultural e a adaptação a um novo meio fazem parte das tensões que todos os sujeitos migrantes tiveram que afrontar ao longo dos séculos, tendo como resultado uma assimilação, mais ou menos intensa, segundo os casos, como forma de acomodação à nova sociedade. A colaboração de Igor Renó Machado, Alexandra Gomes Almeida e Ellem Saraiva Reis expõe certas dinâmicas dos imigrantes brasileiros em Portugal, enquanto a de Laura Ciochina e Luísa Faria oferecem um modelo comparativo dos adolescentes em dois contextos culturais distintos: o português e o romeno. Dentro desta temática, centrada na geração dos filhos de imigrantes e contextualizada em meio escolar, Nelson Lima Santos e Inês Gomes reflectem sobre as tendências actuais do binómio Ensino/Aprendizagem que se sustentam e impõem no domínio do virtual. Estes autores assentam o seu discurso neste artigo na “nova ordem e no novo saber-poder”, disponibilizados pelas novas tecnologias. Partindo do filme francês, cujo título “Entre murs” é premonitório, na medida em que nos conduz às fronteiras socio-económico-culturais de uma escola da “banlieue” de Paris, o qual foi baptizado em Portugal “A turma”, perfilham o objectivo de contribuir para uma adequação do meio escolar aos tempos actuais, aos dispositivos que a modernidade impõe e aos meios em que vivem os actores a quem os ensinamentos/aprendizagens se destinam.

Não existe uma diferença entre cultura material e cultura imaterial, não há distinções entre estes parâmetros. Pode-se assegurar que ao património corresponde a cultura no seu todo e não uma parte da mesma. As investigações a partir das aporções da cultura e do património material fazem parte, sem dúvida, da construção social. Na existência de todos os grupos humanos encontramos os modos específicos dos aspectos materiais e da organização social. Os conhecimentos, cosmovisões e todos os elementos identitários de cada grupo social diferenciam-nos dos demais, pelo que não é lícito fazer-se uma diferença entre cultura material e cultura imaterial. Em situações em que não é possível preservar uma cultura unicamente através do seu

dinamismo próprio, pode-se conservá-la através do conhecimento que temos dela. A conservação do conhecimento da diversidade cultural e das suas manifestações artísticas e científicas mais singulares tem permitido aos povos deixar às gerações futuras o legado da cultura e do património material, o que se tem revelado imprescindível na transmissão dos conhecimentos do passado. Neste sentido, a colaboração de Sérgio Lira apresenta os aspectos mais importantes do discurso museológico e museográfico das colecções etnográficas do Rupe Etnografski de Dubrovnik, à qual se segue o artigo de Joám Evans Pim e Bárbara Kristensen sobre o complexo mitológico de materiais e as interpretações populares relativas aos significados e atribuições da ave Cuculus canorus segundo os sistemas simbólicos europeus. A colaboração de Purificación Martul Vásquez e Jesús Varela Zapata versa sobre a influência da ilustração na Galiza e da influência inglesa no desenvolvimento industrial da cerâmica de Sargadelos.

Paulo Tunhas e Thiago de Oliveira, no âmbito das diferentes teorias que expõem, conduzem-nos ao espaço epistemológico da crença, no caso do primeiro autor, enquanto o segundo autor trata da problemática do conhecimento do mito, a partir dos teóricos da Filosofia e da Antropologia que abordaram esse tema.

Esta apresentação pretende convidar os leitores a partilhar os pressupostos e as contribuições que este conjunto de autores nos oferece, facultando-nos a possibilidade de reflectirmos sobre os diferentes temas incluídos nos seus artigos, sob perspectivas diferentes, com o recurso a uma metodologia inspirada na complementaridade, que permitirá fazer críticas e dar sugestões que ajudem à sua compreensão, num horizonte aberto e integrador.